

GUSTAVO ROSSEB
MAPIN & GUARI
EM UMA JORNADA PELA CIDADE



ILUSTRAÇÕES DE PAULO CORUJA



SEGUNDA CAPA

Página em branco

6.5.11 PARA EFEITOS DA AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA, PÁGINAS EM BRANCO DEVERÃO ESTAR SINALIZADAS COM JUSTIFICATIVA CASO SEU PROJETO EDITORIAL ORIGINAL CONTENHA PÁGINAS EM BRANCO. ESTA SINALIZAÇÃO DEVE SER RETIRADA DA OBRA QUANDO DO CARREGAMENTO PARA A ETAPA DE ANÁLISE DE ATRIBUTOS.

GUSTAVO ROSSEB

**MAPIN
& GUARI**

**EM UMA JORNADA
PELA CIDADE**

ILUSTRAÇÕES DE PAULO CORUJA

COPYRIGHT DO TEXTO © **GUSTAVO ROSSEB**
COPYRIGHT DAS ILUSTRAÇÕES © **PAULO CORUJA**
COPYRIGHT DA EDIÇÃO © **DODÔ EDITORIAL**

DIREÇÃO GERAL E DE NEGÓCIOS **Anderson Silva**
EDITOR **Italo Mesquita**
ASSISTENTES EDITORIAIS **Fernanda Caires de Moraes e Fernanda Costa**
DIAGRAMAÇÃO **Franz Demian**
PROJETO GRÁFICO **Estúdio Insólito**
GERENTE ADMINISTRATIVO DE NEGÓCIOS **Renato Munhoz**
ANALISTA TÉCNICO **Caio dos Santos**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rosseb, Gustavo
Mapin & Guari em uma jornada pela cidade / Gustavo Rosseb ;
ilustrações de Paulo Coruja – 2ª edição – São Paulo : Planeta do
Brasil, 2025.
72 p. : il., color.

ISBN 978-85-422-3424-4

I. Título II. Coruja, Paulo

25-1001

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira

2ª edição, 2025



Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – São Paulo / SP
CEP: 01415-002
Tel.: (11) 3087-8885 / (11) 97353-5786
barsa.com.br

*Para Artur Yule,
afilhado e eterno cachorrão do tio Guga.
Quando chegou, mudou tudo.*



MAPIN (lê-se MaPÍN) é um mapinguari muito inteligente que adora descobrir coisas novas. Seu passatempo preferido é ler bons livros e assistir filmes e séries. Isso tudo entre um lanchinho e outro, claro! Está sempre tentando escapar dos experimentos malucos de Guari, sua irmã mais nova, pois acaba virando cobaia da maioria deles, o que rende ótimas aventuras e muitas histórias para contar. Ele vive no topo de uma grande árvore, então dorme olhando as estrelas.

GUARI (lê-se GuaRÍ) é a cientista da família. Em seu laboratório subterrâneo, entre as raízes de uma grande árvore, essa mapinguari está sempre criando uma porção de geringonças com os mais diversos propósitos. Mapin, seu irmão mais velho, é quem a ajuda a experimentar suas invenções e quem a acompanha em várias aventuras. Além das criações do seu cérebro genial, ama a natureza e se preocupa em cuidar do meio ambiente.



SUMÁRIO



7 • OS IRMÃOS

18 • CIDADE GRANDE

26 • PERERÊ, PIRIRI, PORORÓ

37 • FOME DE MAPINGUARI

44 • SAUDADE DE CASA

57 • SORRISO METÁLICO

69 • CINEMA E PIPOCA



CORUAT

OS IRMÃOS



– **GRRRAURRR!** – gritou o monstro enorme, com os braços estendidos na direção do homem.

O homem, coitado, por pouco não foi devorado pela preguiça gigante que o perseguia.

Para não levar uma dentada da criatura, se acorou no chão como pôde, mas não teve jeito. Abraçado às próprias pernas, o homem choringou enquanto o ser colossal e peludo partia para cima dele.

Bem onde devia estar a barriga do bicho, havia uma boca horrenda, aberta e cheia de dentes. Como se o umbigo da fera se escancarasse exibindo uma dentição completa, com dentes amarelos e afiados, somados a um bafo de onça horrível. Soltava urros extremamente altos e assustadores e parecia estar com muita fome.

Aquele homem seria vítima de um mapinguari selvagem faminto.

A imagem congelou no momento exato em que a fera finalizaria o ataque. Como uma estátua macabra, ficou ali, estagnada com as garras à mostra e um olhar matador na direção do pobre homem.

– É isso aí, tio Mapão! – disse uma versão mais jovem da criatura. – Vai pra cima dele, tio!

A criatura estava esparramada num sofá bem confortável. Tinha um controle remoto nas mãos, com o dedo peludo em cima do botão de pausa – que acabara de apertar.

Diante do sofá, um tecido branco de fios de algodão havia sido esticado pelas pontas e amarrado em galhos no alto da grande figueira em que estava. Era uma perfeita tela de cinema. E agora exibia a imagem estática de um monstrengo atrás de sua presa.

Aquele era o cinema improvisado que um mapinguari chamado Mapin montara na casa da árvore onde morava. Mais precisamente em seu quarto, no topo da alta figueira.

Já era a décima terceira vez que Mapin assistia ao filme estrelado por um legítimo mapinguari florestal adulto: o seu tio Mapão. Fazia tempo que não falavam um com o outro. Aquela foi a maneira que ele encontrou de se divertir fazendo o que mais gostava - assistir filmes - e, ao mesmo tempo, matar a saudade.



A cena pausada no tecido ficava por conta do projetor que sua irmã, uma mapinguari chamada Guari, construíra para ele de presente de aniversário. Mapin adorava fazer sessões de cinema em seu quarto. Quando não eram filmes, eram maratonas de séries ou jogos de videogame. Ele amava o presente que ganhara da irmã.

Num canto do quarto estava a sua cabana da leitura. Uma barraca com o teto feito com folhas de bananeira. Lá dentro, a iluminação ficava por conta de um lustre inusitado chamado pirilâmpada: um potinho de vidro com uma porção de pirilâmpas, vaga-lumes e besouros lumines-

centes. Segundo o próprio Mapin, dependendo da história que se lesse na cabana, o interior da barraca podia se transformar no cenário ideal, usando apenas a força da imaginação.

Galhos entrelaçados com capim-sapê formavam as prateleiras que enfeitavam o restante do quarto. Era nessas prateleiras que Mapin



mantinha seus livros que, inclusive, lia todas as noites antes de dormir. Sua cama era uma rede de balanço afixada num dos pontos mais altos da grande figueira. Dali, era possível ver o céu estrelado sob sua cabeça, e ainda contar com a privacidade fornecida pelas folhagens.

Mapin atravessou o seu quarto pisando pesado, por conta de seu tamanho. Os estrados de madeira que formavam o piso rangeram como se reclamassem. O jovem mapinguari pegou uma cuia grande de pipoca de dentro de sua pipoqueira tecnológica – outro presente de Guari – e voltou para o sofá.

Com a ponta de uma de suas garras, apertou o botão no controle remoto e soltou o filme. Divertiu-se ao assistir seu tio dando um show de atuação. Chegou a ter até dó do ator que foi contratado para fazer o papel de presa.

Mapin amava comer pipoca enquanto assistia a seus filmes e suas séries favoritas. E aquela pipoca parecia bem saborosa, pensou até que estivesse diante da melhor pipoca do mundo. Deu uma mãozada na cuia e botou sua boca grande de mapinguari para trabalhar.

Mas para seu azar, logo na primeira dentada, uma coisa muito dolorida aconteceu.

– GRRRAURRR! – urrou alto, soando tão monstruoso quanto o per-

sonagem que o seu tio interpretava no filme.

Tinha mordido algo duro feito pedra. Teve certeza de que quebrara um dente. A dor foi tão insuportável que o bicho-preguiça jogou a tigela de pipoca para o alto e saiu correndo para buscar ajuda.

Desceu a tronquescada, a escada circular que havia no centro do caule principal da grande figueira, e não diminuiu a velocidade até alcançar o último degrau. Lá chegando, parou diante da soleira da porta do laboratório de Guari.

– Espere aí fora, Mapin! – a voz da irmã veio do laboratório. – Não entre aqui ainda. Você está sem os óculos de proteção.

E Mapin se manteve onde estava.

BUUUMMM!

Mapin quase teve um treco com a explosão vinda lá de dentro que iluminou tudo ali fora.

– Tudo bem! Agora você pode entrar! – a voz de Guari pareceu calma, como se nada tivesse acabado de explodir.

Mapin conhecia bem os experimentos científicos malucos da irmã e a dor em seu dente o obrigou a fazer a única coisa que não queria: entrar no laboratório. No início, não enxergou muita coisa, mas depois que a fumaça da explosão se dissipou, Mapin pôde enxergar Guari retirando os óculos de proteção do rosto. Notou que ela estava com seus pelos voltados para trás, como se um grande vendaval tivesse penteado seu corpo todo para uma mesma direção.

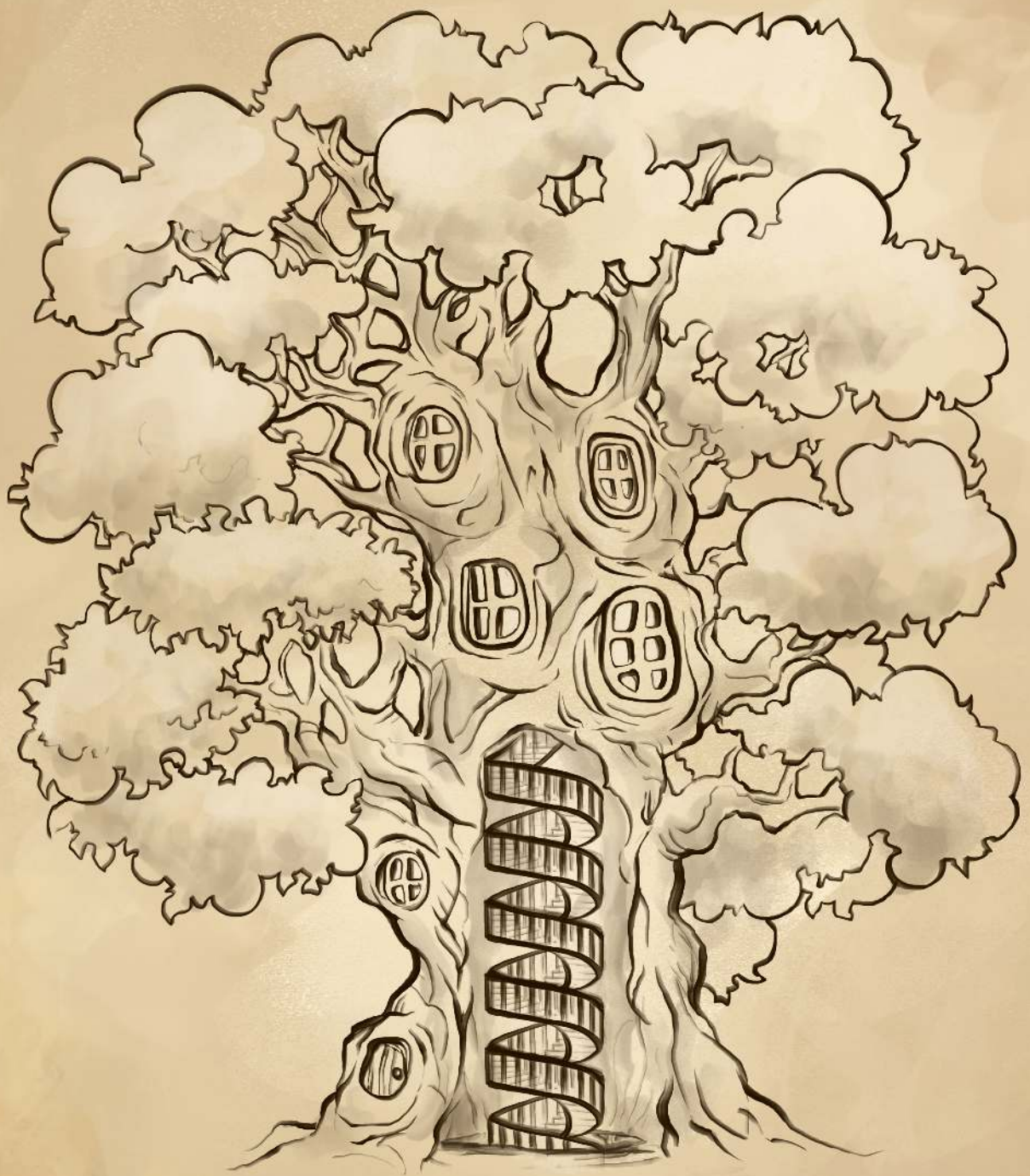
Ela sorria contente por conta de uma recente descoberta, mas logo ficou séria ao perceber a expressão de dor no rosto do irmão.

– Que cara é essa, Mapin? Leu algum livro com final triste outra vez? – quis saber.

– Quase isso – respondeu. – Eu estava assistindo ao filme do tio Mapão e...

– Ué?! Mas esse filme não tem final triste e você já assistiu várias vezes, já sabe como termina.

– Eu sei. Não é isso. Eu fiz pipoca na pipoqueira tecnológica que você me deu e...



– E aí, ela funciona bem? – Guari interrompeu mais uma vez. – Não me diga que a pipoqueira explodiu...

Guari coçou a cabeça e passou a andar de um lado para o outro no laboratório. Em sua mente, revia todo o funcionamento da pipoqueira para identificar se tinha feito alguma coisa errada.

– Não é nada disso. Pode parar pra me escutar? – Mapin chamou a atenção da irmã. – Eu mordi alguma coisa muito dura e, sei lá, devia ter uma pedra no meio da pipoca. Eu acho que dei uma dentada nela e quebrei o meu dente. Tá doendo demais!

– Uma pedra? Impossível! – Fez questão de defender a reputação de sua invenção. – A pipoqueira tecnológica jamais colocaria uma pedra no meio da pipoca.

Guari, então, pediu para dar uma olhada na boca do irmão. Com uma lupa gigante, quase se enfiou inteira na bocarra de Mapin e, após uns três minutos de observação, constatou:

– Bom, não sei exatamente o que aconteceu, até porque eu sou uma cientista e não uma dentista. Mas acho que essa é uma ótima oportunidade de testarmos a minha nova máquina de teletransporte! O que acha?

– O quê?? Máquina de teletransporte? Ah, não! Acho uma péssima ideia – comentou Mapin, cruzando os braços peludos. – Você quase mandou seu laboratório pelos ares agorinha mesmo e quer me enfiar em mais um de seus experimentos? Uma explosão é tudo o que eu não preciso nesse momento.

– Não, bobinho. Aquilo não foi uma explosão, foi só a máquina de teletransporte avisando que o meu último teste foi bem-sucedido.

E Guari apontou para a sua máquina:

– É que ela é um pouquinho escandalosa e faz um barulhão tremendo.

O laboratório de Guari era subterrâneo. Ficava por entre as raízes da grande figueira, embaixo da terra. Era possível ver as grossas e fortes raízes da árvore enroladas nos equipamentos e servindo de pilares para o ambiente. Algumas delas se entortavam de tal maneira que assumiam formas de bancadas, suportes e até estantes.

Diversos aparatos esquisitos se espalhavam por todo o lugar. Tubos de ensaio, cada um contendo um líquido de uma cor diferente, microscópios de madeira com lentes de diamante lapidado, e computadores de última geração.

Todos tinham acréscimos e ajustes feitos pela própria Guari: fios e cabos entrelaçados com galhos de trepadeiras e cipós, revestidos com cogumelos e fungos. Segundo ela, suas melhorias traziam maior desempenho e capacidade para os aparelhos, além de utilizar a natureza de forma inteligente, sem prejudicar o meio ambiente.

No centro do laboratório estava a máquina de teletransporte que Guari vinha trabalhando nos últimos tempos. Era como uma grande cabine circular que lembrava um boxe de banheiro, daqueles que apareciam nos filmes que Mapin assistia. A diferença é que a máquina de Guari não tinha nenhum chuveiro.

– Mapin, analisei os dados de todas as simulações que fiz anteriormente e consegui chegar num cálculo exato.

– E o que isso significa? – quis saber Mapin.

– Significa que a minha máquina é capaz de enviar o que quiser de um lugar para outro.

Ao ouvir a irmã, Mapin pareceu desconfiado. Então ela se defendeu:

– Tá duvidando, é? Espera aí que já vou te mostrar. Tá vendo aquele livro que você me deu? – e apontou para um livro de capa colorida em cima de uma bancada feita com raízes contorcidas.

– Dei, não! Só te emprestei. – corrigiu Mapin.

– Dar, emprestar... Qual a diferença? Isso não é o importante aqui.

Mapin fez uma careta para a irmã.

– Toma! Use isso. – e Guari lhe deu um par de óculos de proteção enquanto vestia os seus.

Guari andou pelo laboratório, passou por debaixo da rede de balanço onde dormia, pegou o livro de Mapin e o colocou dentro da máquina.

– Veja lá como trata o meu livro, hein Guari! Essa é uma edição especial da *Tribo do Trovão Mágico – Volume I*. Traduzindo: é um livro bem raro e difícil de encontrar.





– Relaxa, Mapin. Só fica de olho.

Com suas mãos peludas, Guari apertou botões e teclas em seu computador todo revestimento de cogumelos e fungos.

– PARA ONDE VAMOS? – perguntou uma voz robótica vinda da máquina.

A boca gigante e cheia de dentes de Guari respondeu de forma alta e clara:

– Quarto do Mapin.

– DESTINO CONFIRMADO – retrucou a voz.

E então a máquina soltou um raio acertando o livro colorido em cheio. O que fez Mapin gelar seu corpo peludo inteirinho. No instante seguinte, o livro desapareceu.

– Ei! O que você fez com o meu livro?

– Eu não fiz nada. Foi a máquina de teletransporte que fez. Desmontou o livro em uma porção de pedacinhos minúsculos, menores que um grão de areia, e remontou ele do jeitinho que era, só que em outro lugar.

Percebendo o desespero do irmão, Guari sugeriu:

– Que tal dar uma conferida no seu quarto?

Sem pensar duas vezes, Mapin deixou o laboratório e subiu correndo a tronquescada.

Minutos depois, Mapin estava de volta.

– Uau! Encontrei mesmo o livro lá no meu quarto, como você falou! Em perfeito estado, com todas as páginas intactas. Capa, lombada... Tudinho no lugar!

– E por que não trouxe o livro com você? – quis saber Guari, vendo o irmão de mãos vazias.

– Oras! Pensei que estivesse me devolvendo o livro. Se bem que a edição especial de *A Turma do Trovão Mágico - Volume I* vai estar bem mais segura dentro da cabana da leitura lá no meu quarto.

Foi a vez de Guari lhe fazer uma careta.

– Agora que já entendeu como a minha máquina funciona, vamos tratar dessa sua dor de dente.

– Tá legal. Mas qual o seu plano? – perguntou Mapin já imaginando a resposta.

– É óbvio, não acha? Você precisa de um dentista e eu posso te ajudar a ir até a cidade para encontrar um.



CIDADE GRANDE



– PRESTA ATENÇÃO, MAPIN! Enquanto você corria pra ver se o seu precioso livro estava inteiro, eu pensei em tudo – falou Guari. – A cidade grande fica a muitos dias de caminhada pela floresta. Com a minha máquina a gente chega lá num piscar de olhos.

Guari pegou um balaio fechado, feito de bambu, de cima da rede de cipó, em que costumava dormir, e jogou-o para o irmão.

– Ufff! – Mapin disse ao se dar conta do peso do balaio. – Minha nossa! O que você colocou aqui dentro? Uma onça pintada que acabou de almoçar? Isso está pesado demais.

– São só algumas coisinhas pra gente comer no caminho. Carnes, frutas, verduras, sementes, mel de abelhas sem ferrão. Sabe como é, com fome de mapinguari não se brinca.

E Mapin sabia que a irmã tinha razão. Ninguém segura um mapinguari com fome. Sem que a irmã visse, ele abriu a tampa do balaio e enfiou a mão lá dentro. Pegou uma frutinha redonda e a escondeu nos pelos, atrás da orelha. Era um pequeno açaí roxo escuro, já que não pudera saborear a sua pipoca.

– E como a gente faz pra achar um dentista na cidade, no meio de toda aquela gente? – perguntou Mapin.

– Isso é fácil. Sabe o rio que a gente toma banho? Ele nem sempre foi limpinho daquele jeito. Ele passa por dentro da cidade e depois corre pra esse lado da floresta. E o ser humano, como a gente bem sabe, é um bicho que faz muita sujeira – comentou a jovem mapinguari. – Mas eu criei um dispositivo que tira a sujeira e trata a água assim que o rio sai da cidade.

– E como é que essa história de tratar a água do rio pode ajudar a gente a encontrar um dentista?

Guari mostrou ao irmão um panfleto. Na foto, um ser humano sorria mostrando dentes cobertos por peças de metal. O que deixou Mapin um pouco preocupado.

Guari foi logo dizendo:

– Não fica assim, Mapin! Dentista não morde, viu?! Ele vai é curar essa sua dor de dente pra que você volte a dar suas dentadas sem preocupação. Isso aqui é uma propaganda de uma clínica odontológica, o lugar onde os dentistas trabalham. Veja só! Tem endereço e tudo. E é mais um exemplo do tanto de coisa que o bicho-homem joga no rio e que vem parar por essas bandas – disse Guari apontando para o papel.

E completou:

– É só a gente informar o endereço para a minha máquina de teletransporte, e ela nos leva até lá.

Mapin ficou satisfeito com a resposta da irmã. Quando Guari dissera que já tinha pensado em tudo, ela estava falando sério.

– Espera! E como é que a gente faz pra voltar pra casa?

– Carambolas! Quanta pergunta, hein, Mapin!

– Bom, em caso de dúvida, sempre pergunte! Não é o que você vive dizendo?

– É sim, você está certo. Voltar para casa vai ser moleza.

Guari colocou um tipo de bracelete tecnológico no braço peludo do irmão e disse:

– Eu criei essas pulseiras de localização. Quando a gente concluir nossa missão na cidade, a máquina vai saber exatamente onde estamos e vai trazer a gente de volta pra cá.

Mapin ficou em silêncio por um tempo. Com certeza não gostava da ideia de entrar em uma máquina que o desmontaria em pedacinhos

e o remontaria na cidade. Mas a dor de dente só aumentava e sua preocupação também.

– O que foi, Mapin? Por acaso algum experimento meu já te colocou em alguma enrascada? – perguntou Guari.

– Todos eles, na verdade – respondeu Mapin.

E antes que Guari dissesse algo, foi logo completando:

– Tô brincando, Guari. Obrigado por me ajudar. Só estou tentando imaginar o que a gente pode encontrar por lá. Não sou muito fã da cidade grande, muito menos do bicho-homem, você sabe disso.

– Essas suas palavras parecem filhas do medo, Mapin.

E Mapin respondeu:

– Mas um bocadinho de medo é bom, não é? O medo faz a gente olhar para as coisas com um pouquinho mais de cuidado.

– Tá. Eu até concordo que um tiquinho de medo faz bem. Mas só quando ele vem equilibrado e bem calibrado com a coragem. É a coragem que faz a gente olhar para aquilo que conhecemos e descobrir coisas novas. Pode ter certeza de que, com a dosagem certa de medo e coragem, a gente pode encontrar uma solução pra essa sua dor de dente aí. E então, o que me diz? Bora pra uma jornada pela cidade? – quis saber Guari.

– Bora! – respondeu Mapin, abrindo um grande sorriso aventureiro.

Guari deu ao irmão o panfleto com o endereço do dentista e correu até o computador para apertar alguns botões que pareceram importantes.

Mapin aproveitou a deixa para pegar detrás de sua orelha peluda e colocar na boca o pequeno açaí que tirara do cesto. Não queria que a irmã o visse pegando comida do balaio antes da hora. Além do mais, Guari jamais daria falta de um pequeno açaí, pensou ele.

– Lembre-se! – pediu Guari. – Quando a máquina perguntar para onde vamos, você deve ler o endereço no panfleto, de forma alta e clara, tudo bem?

E Mapin confirmou com a cabeça.

Guari então apertou alguns botões e outras teclas, que fizeram acender alguns cogumelos. Depois, afastou-se do computador e posicionou-se depressa ao lado do irmão.

– PARA ONDE VAMOS? – perguntou a voz robótica da máquina.

Mapin encontrou o endereço do dentista logo abaixo do panfleto. E no momento exato em que deveria começar a ler em voz alta, um tremendo choque de dor o pegou, pois deu uma pequena mordidela no açaí, justamente com o seu dente quebrado.

A dor foi tamanha que Mapin chegou a ver estrelas. Nem sequer uma palavra foi dita à máquina de teletransporte, muito menos de forma clara, como a sua irmã havia pedido. O que saiu da bocarra de Mapin foi um tremendo urro de mapinguari:

– GRRRAURRR!

E acabou fazendo tudo voar para longe: o balaio, o panfleto e até a frutinha em sua boca.

Por sorte, antes da máquina concluir a solicitação, Guari, com toda a sua esperteza, gritou:

– CIDADE GRANDE!

– DESTINO CONFIRMADO – concluiu a voz robótica.

No instante seguinte, o raio teletransportador atingiu os dois, fazendo com que desaparecessem do laboratório num estrondoso BUUUMMM!

Quando os irmãos mapinguari abriram os olhos, se viram diante de uma floresta bem diferente das que estavam acostumados. Era uma selva toda feita de pedra. Mais precisamente de concreto, aço e janelas com vidro espelhado.

Ao invés de árvores, como a figueira em que moravam, havia prédios muito altos. No lugar de pássaros e animais, veículos de todos os tamanhos corriam para todos os lados, fazendo muito barulho.

É claro que sabiam como era o local onde o bicho-homem morava. Já tinham visto em filmes, séries, livros e jogos. Mas estar diante da cidade grande era uma experiência completamente nova.

Mapin deu um salto, como se lembrasse de algo importante, e foi logo Tateando todo o seu corpo, para se certificar de que tudo estava em seu devido lugar.

Guari fez questão de tranquilizar o irmão dizendo a ele que seus braços e pernas estavam intactos. Viu também que o nariz estava no





lugar do nariz, e a boca na altura de um umbigo, assim como deveria ser. Isso tudo reforçava que a máquina não tinha defeito nenhum.

Depois, deu uma bronca nele.

– Mapin, você só tinha uma missão: ler o endereço do dentista em voz alta. O que foi que deu errado?

Guari procurou por algo no chão próximo a eles, mas pareceu não encontrar nada.

– E onde foram parar o balaio e o panfleto? – disse.

Mapin pensou bem e achou melhor contar toda a verdade para a irmã.

– Eu fiquei com medo de sentir fome antes da hora. Vai saber, né?

– Mapin deu de ombros. – Daí eu peguei um açaí escondido, mas foi só um, tá? Um bem pequenininho. Por um segundo, acabei esquecendo do meu dente e o mordi.

Seus pelos se eriçaram de aflição ao lembrar do choque que levou.

– A dor me deixou tão maluco que eu joguei tudo para o alto e não tenho a mínima ideia de onde o balaio e o panfleto foram parar. Me desculpa, Guari.

– Então deve ter ficado tudo no laboratório. Acho que você largou as nossas coisas antes da máquina acertar a gente com o raio de teletransporte – concluiu Guari.

E, para a surpresa do irmão, Guari pareceu não estar mais irritada.

– Tá tudo bem, Mapin. Eu faria o mesmo se eu estivesse com fome.

– Com fome de mapinguari não se brinca! – disseram os dois ao mesmo tempo.

– A única diferença entre a gente é que a minha primeira escolha não seria o açaí – completou Guari. – Eu ia logo atacar a cumbuca com o mel das abelhas sem ferrão.

– Hummmm! – fizeram os dois juntos, lambendo os beijos.

– E se a gente voltar ao laboratório pra buscar o balaio e o panfleto? – sugeriu Mapin.

Mas Guari respondeu que, caso voltassem, as pulseiras de localização ficariam sobrecarregadas e teriam que esperar muitas horas até que pudessem usá-las de novo.

– Mas que salada murcha! – ralhou Mapin. – E agora? Sem o endereço, como é que a gente encontra esse dentista?

Os dois retiraram os óculos de proteção e observaram o entorno com atenção. A máquina os havia teletransportado para uma praça no centro da cidade.

Guari encarou a cidade com olhos curiosos. Queria saber o que era tudo aquilo, o que havia pelas ruas, dentro dos prédios e das casas, mas estava com receio de se aproximar.

Mapin reparou desconfiado nas pessoas que andavam para lá e para cá, entrando e saindo de lugares, carregando bolsas e sacolas, sempre apressadas, conversando com aparelhos bem parecidos com os que sua irmã costumava construir em seu quarto-laboratório. Para os irmãos, o bicho-homem parecia frio e sem vida, quase como os robôs de um filme de ficção científica.

Nenhum dos dois se lembrava exatamente qual era o endereço do dentista escrito no panfleto e comemoraram por ainda não estarem com fome.

– É, Mapin. Você falou que eu sempre digo que, na dúvida, a gente deve perguntar. Pois é... acho que vamos ter que começar assim. Perguntando.

– O quê? Vamos conversar com seres humanos? – quis saber Mapin, nervoso.

– Mas é claro! Como você acha que vamos contar ao dentista sobre o seu dente? Vamos ter que conversar com o bicho-homem. Não vai ter jeito – concluiu Guari.

Mapin concordou a contragosto.

Precisavam decidir aonde ir primeiro. O jovem mapinguari avistou uma loja que chamou sua atenção por ser bem colorida, e sugeriu que comesçassem por ela. E lá foram os dois na direção do estabelecimento.

PERERÊ, PIRIRI, PORORÓ



UM LETREIRO COM O FORMATO de um gorro vermelho gigante indicava Traques, Truques & Triques. Mapin adorou a combinação de palavras que havia naquele nome. Comentou com a irmã que se tratava de um tipo de trava-língua e até a desafiou a dizer o nome da loja, bem rápido e por três vezes seguidas, sem deixar a língua dar um nó.

– Traques, truques e triques. Traques, truques e triques. Traques, truques e triques.

As risadas que o trava-língua gerou fizeram com que os irmãos ficassem um pouco mais calmos.



Tiveram certa dificuldade ao atravessar a rua, mas não demoraram para decifrar a combinação de cores que os veículos respeitavam. Quando a luz vermelha se acendeu e os carros pararam, os dois bichos-preguiça avançaram, ignorando os olhares curiosos lançados para cima das duas grandes criaturas peludas que cruzavam a faixa de pedestres.

Na calçada da loja, puderam enxergar seus bocões de mapinguari refletidos na vitrine. Empurraram a porta e entraram. Quando a porta se fechou, respiraram aliviados por finalmente estarem fora das ruas e das vistas das pessoas.

Notaram que ali dentro era bem mais calmo, a não ser por...

– Saudações aos visitantes da Traques, Truques & Triques. Em que eu posso lhes ser útil? – disse um homenzinho de meio metro de altura, com orelhas pontudas, e um gorro vermelho na cabeça. Apareceu diante deles como se já os esperasse. Ele se sustentava de pé, com sua única perna.

Depois do susto que levaram com o atendente da loja aparecendo do nada, Mapin e Guari tiveram a impressão de conhecer aquele sujeito de algum lugar.

– Você por acaso não seria o famoso... Saci Pererê? – arriscou Mapin. – Porque, se for, isso vai ser bem interessante! A gente sempre escuta falar de você, não é mesmo, Guari?

– Sim! A floresta inteira conhece as suas histórias – completou Guari. – Você é o Saci, não é? Só pode ser!

E o atendente da loja revirou os olhos antes de responder. Pareceu acostumado a escutar aquela pergunta.

– Meu nome é Saci, sim. Mas não sou o Pererê.

Num instante, transformou-se num redemoinho e rodopiou voando até parar em cima do balcão de atendimento da loja. Por fim, colocou as mãos na cintura e se apresentou:

– Sou o Saci Pororó – e tirou a carapuça da cabeça num gesto cordial.

– Saci Pororó? – repetiram os irmãos, um pouco confusos.

– Exato! Mas vocês podem me chamar de príncipe dos Traques, Truques & Triques – falou orgulhoso e foi logo saltando pelo balcão

TRAQUES TRUQUES & TRIQUES





numa perna só, até parar diante de alguns quadros pendurados na parede.

Os mapinguaris notaram que todos aqueles quadros tinham a foto de um tronco de árvore, com algumas saliências grudadas, que mais pareciam uma porção de orelhas de cores alaranjadas.

– Pererê era o meu avô – e apontou para um dos quadros.

– Espere um pouco! Isso daí é o seu avô? – perguntou Guari.

– Ei! Mais respeito, por favor! – pediu o Saci, ajeitando as abas do pequeno paletó que vestia.

Bordado no paletó, na altura do peito, havia uma versão menor do letreiro que ficava do lado de fora da loja. Um gorro vermelho com os dizeres Traques, Truques & Triques.

– Quando nós, Sacis, completamos 77 anos de idade, nos transformamos nesse fungo aí, que fica grudado no tronco. Chama orelha-de-pau.

No quadro, logo abaixo da foto com orelhas alaranjadas que brotavam dos pés de uma árvore, os irmãos leram o nome “Saci Pererê” e se entreolharam curiosos.

– Meu avô, sim, era o rei dos traques, truques e triques. Ele inventou um monte de azaração e atazanou meio mundo de gente por aí a fora.

Ao terminar de falar de seu avô, se sentou na beirada do balcão e, balançando sua única perna para a frente e para trás, continuou conversando com os irmãos.

– Meu pai não quis seguir com as traquinagens do meu vô e foi realizar o sonho de ensinar capoeira por aí, mas só para criaturas da floresta. Ele dizia que toda vez que chegava perto de uma cidade, dava um piriri nele. Também pudera. Olha o nome que meus avós deram para meu pai: Saci Piriri. Daí já viu, né?

E os três gargalharam juntos.

– Olha, Saci, acho que eu entendo o seu pai, viu? Também não sou muito fã da cidade – comentou Mapin.

– Na verdade, “piriri” é o nome de uma planta. Ela tem outros nomes também: canudo-de-pito e pau-de-cachimbo.

– Cachimbo, pito. É, faz sentido “Piriri” ser nome de Saci. E qual a

origem do nome “Pororó”? – quis saber Guari.

– Meu pai disse que durante suas andanças a pororoca foi uma das coisas mais lindas que ele já viu.

E os irmãos viram uma fotografia colada na parede, em que o pai do Saci Pororó, o Saci Piriri, surfava com um pé só uma onda enorme em um rio cor de café com leite.

– Pororocas são ondas que se formam quando a água do mar e do rio se encontram. “Pororó” é inspirado na pororoca. Ele me disse que eu sou como a onda porque sou uma mistura do meu pai com o meu avô, que são dois sacis bem diferentes um do outro. Como uma mistura do mar com o rio. E veja só! Cuido dessa loja e dou umas aulas de capoeira de vez em quando.

– Pororó, – repetiu Guari – gostei.

– Seu pai mandou muito bem – elogiou Mapin.

– Mas eu sempre amei as travessuras do meu avô – e o Saci abriu um sorriso malandro, como se estivesse prestes a aprontar alguma coisa. – Meu avô trançava os cabelos...

– Ei! – resmungaram os mapinguaris, quando algumas tranças surgiram em seus pelos em questão de segundos. Mal tinham visto o Saci sair de cima do balcão e ele já estava de pé diante de uma grande cortina de tecido vermelho, que estava fechada e os impedia de ver o restante da loja.

– Meu avô também escondia objetos – seguiu Pororó, retirando do bolso do paletó os braceletes tecnológicos que os irmãos, ainda há pouco, usavam em seus pulsos.

– Quando foi que você pegou...? – Guari, confusa, olhava para o bracelete nas mãos do Saci.

Pororó jogou os braceletes para eles, que foram logo prendendo de volta em seus pulsos, e gargalhou alto, como se achasse tudo aquilo muito engraçado. Com as mãos livres, segurou uma corda amarela que descia do teto.

– Meu avô sempre achou o ser humano um bicho muito engraçado. Adorava tirar sarro da cara deles – riu o Saci ao lembrar com saudade do avô. – Só que, depois de um tempo, as cidades foram crescendo e o

bicho-homem foi perdendo a graça.

Pororó apontou para as sombras que caminhavam apressadas na calçada do outro lado da vitrine e continuou.

– A vida das pessoas aí fora foi ficando cada vez mais sem cor, como quando a floresta pega fogo e no dia seguinte só se vê cinza, sabe? – e os mapinguaris concordaram com a cabeça. Sabiam bem como ficava uma floresta depois de uma grande queimada. – Daí, toda essa coisa de azedar o leite e trocar o sal por açúcar já não funcionava mais.

Então o Saci deu um puxão na corda amarela que vinha do teto e fez as cortinas se abrirem, revelando o restante da loja.

– Uaaaau! – exclamaram as imensas bocas dos mapinguaris com os queixos peludos quase tocando o chão.

Diversos objetos estranhos e brinquedos coloridos, os quais Mapin e Guari nunca tinham visto antes, pululavam nas prateleiras. Alguns deles faziam barulhos esquisitos, apitavam e assobiavam. Outros espirravam água e soltavam faíscas. A loja inteira se movia, como se estivesse viva.

– O Saci Pererê ficou cansado de tentar fazer esse povo acordar pra vida. Daí eu decidi que ia dar continuidade nas traquinagens dele e montei essa loja. Se os velhos truques não funcionavam mais, eu poderia muito bem inventar novos. Por que não? – e bateu a mão no peito, orgulhoso.

E continuou:

– Como Saci, é meu dever levar as travessuras até o bicho-homem. Um pouco de sorriso faz muito bem para o coração, oras!

E os irmãos mapinguari abriram um sorriso gigante e cheio de dentes para o Saci Pororó.

– É dever de Saci mostrar que esse mundo tá precisando dar umas boas risadas. Por isso que tô dizendo a vocês que sou o príncipe dos traques, truques e triques. O rei é o meu avô – finalizou Saci.

E sacou a carapuça vermelha usando-a para apontar o caminho.

– Entrem, meus jovens! Vocês precisam conhecer meus últimos lançamentos.

Os mapinguaris ficaram tão encantados com as milhares de curiosidades daquela loja que nem perceberam que a missão de procurar o

dentista estava sendo deixada de lado. Caminharam sorridentes pelo corredor, um de cada lado do Saci, que os acompanhava aos pulinhos.

– Essa é uma tinta mágica que os grafiteiros adoram – e uma lata de tinta *spray* pulou da prateleira e pairou no ar diante deles.

– Com uma pitadinha de magia de Saci, a arte do grafiteiro ganha vida nos muros da cidade. O desenho grafitado pode dar uma piscadela para você, pode lhe desejar um bom dia e pode até te dar um susto: BUU! – e os irmãos deram um salto tão alto como o que a onça dá quando se assusta com a mordidela de um jacaré.

A lata de tinta pareceu também se assustar e voltou flutuando para junto de outras latas iguais a ela.

– Essas tintas vêm com selo de qualidade da Traques, Truques & Triques!

– Tudo isso é incrível, Saci! O que mais você tem? – quis saber Mapin.

– Se a carapuça servir... – falou Pororó.

– Como é? – perguntaram os irmãos.

– “Se a carapuça servir” é o nome de uma réplica da carapuça do meu avô – e jogou um gorro vermelho para Mapin. – Você coloca na cabeça toda vez que vai dormir e ela faz você sonhar. É cem por cento garantido. Você só não sabe se vai ter um sonho bom ou ruim. Mas o que vale é a experiência.

Mapin foi logo tirando a réplica do gorro de Pererê da cabeça. Teve receio de sonhar que estava com fome.

– Pequenos traques! – disse o Saci, e uma caixinha com uma porção de estalinhos de festa junina surgiu diante deles, como se dançasse no ar.

– Com fragrância de flatulência, esses estalinhos são ótimos para quebrar o gelo dentro de um elevador ou de um ônibus lotado, por exemplo. Tem flatulência com aroma de feijoadada, de repolho com batata doce... Que tal estourar um aqui mesmo? É por conta da casa.

E os irmãos se entreolharam e acharam melhor não usar o produto. Sem perder tempo, o Saci foi logo alcançando um potinho mais à frente no corredor.

– Para emergências, como reuniões tediosas e papos chatos, um tor-

nado instantâneo e portátil é a solução! Dentro de cada potinho está contido um vendaval sem igual. – e saquinhos coloridos com ilustrações de varetas verdes saltaram como se estivessem ansiosos para conhecer os visitantes da loja.

– Da linha Bambu Teimoso, temos os Bambuzinhos Açucarados, que são salgados. E os Salgadinhos de Bambu, que são doces.

Em seguida, alguns pentes de cabelo deslizaram no ar e rodearam os mapinguaris, parecendo ansiosos para pentear os muitos pelos e cabelos dos irmãos.

– Para manter a beleza, temos o pente que despenteia e também o mais novo modelo: o pente que dá nó e faz trança como ninguém – continuou Pororó.

– Ah! Aquele que vem vindo ali é o cachimbo amplificador de assobio – e um pito pousou na palma da mão do Saci. – Nada de fumo, nem de fogo, com ele o seu assobio pode alcançar o outro lado da cidade – riu Pororó. – Vocês acreditam que esses apitos foram proibidos em jogos de futebol? Eles desconcentravam os jogadores.

E seguiu apresentando a loja:

– E como muita gente ama futebol nessa cidade, chegaram as nossas novas chuteiras.

Guari quis experimentar o calçado, porém, percebeu que havia apenas um pé.

– Ô seu Saci, aqui só tem o pé esquerdo. Está faltando o direito – destacou ela.

– Esse é o principal diferencial de nossas chuteiras. Só vem um pé.

E Guari coçou a cabeça cabeluda, tentando entender se existia alguma lógica naquela chuteira.

– Uma pena que não temos dinheiro – comentou Mapin.

Mas o Saci pareceu não se importar com aquela informação.

– Há alguma coisa da minha loja que vocês teriam interesse? – quis saber Pororó, curioso.

– Eu acho que quero um exemplar de cada coisa! Mas, na verdade, Saci, a gente não veio comprar nada. Estamos procurando por um

dentista. Sabe dizer se tem um por aqui? – perguntou Guari, o que fez o irmão dar um sobressalto ao perceber que tinha esquecido do dentista completamente.

– Infelizmente na minha loja ainda não vendo dentistas. Mas tenho dentaduras falsas com bafo de jacaré.

Os irmãos se entreolharam sem saber se aquilo era uma piada ou se o Saci estava falando sério.

E foi aí que um ronco estranho ressoou por toda a loja.

– O que foi isso? – quis saber Pororó preocupado. Tinha certeza de que nenhum de seus produtos fazia um barulho como aquele.

– Mapin, você está bem? – perguntou Guari ao ver o irmão arregalar os olhos.

– Acho que não, Guari – respondeu ele, parecendo estar com dor de barriga.

E um novo ronco estremeceu a loja inteira.

– Por acaso você está tendo um piriri? – arriscou o Saci.

– Acho que sei o que é – comentou Mapin, colocando as mãos sobre o abdômen. – Eu estava com tanto medo de ficar com fome que acabei ficando com fome mesmo.

– Fome de mapinguari! – constatou Guari arregalando os olhos. E voltou-se para o Pororó.

– Saci, onde tem um lugar por aqui para que a gente possa comer alguma coisa? Deixamos toda a nossa comida em casa.

– Santa Travessura! – exclamou o Saci. – Uma hora querem dentista, na outra querem comida? Não tenho nada disso aqui na minha loja. Pelo visto nem todos os bambuzinhos doces e salgados vão dar jeito nessa fome aí.

– Então, pelo bem da sua loja, acho que a gente precisa ir embora – alertou Guari.

E foi logo conduzindo o irmão até a porta da loja, pois Mapin já apresentava sintomas da famosa fome de mapinguari. Ficava raivoso de repente, esbugalhava os olhos e arreganhava os dentes, como se estivesse prestes a morder o que aparecesse em sua frente. E aí, do

nada, voltava a ficar calmo e sereno, mas no minuto seguinte puxava seus próprios cabelos angustiada, para, instantes depois, abrir um sorriso como se estivesse em paz.

Ao fundo, ouviu-se a voz do Saci, que tentou ajudar:

– No final da rua tem o Café Vitória. Não tem erro! Lá tem tudo o que precisam para acabar com essa fome. Foi um prazer recebê-los na Traques, Truques & Triques! Voltem sempre – falou Pororó segurando alguns produtos que caíam das prateleiras devido ao pequeno terremoto que a sinfonia faminta do estômago de Mapin causou.

– Muito obrigada, Saci! – agradeceu Guari. – A gente amou conhecer você.

E a jovem mapinguari se espantou quando sua barriga também roncou alto, fazendo toda a loja estremecer mais uma vez.

FOME DE MAPINGUARI



NO CAMINHO ATÉ O CAFÉ VITÓRIA, as caretas de fome que surgiam nos rostos das enormes criaturas peludas faziam com que mais olhares curiosos e espantados os seguissem.

Mapin e Guari não conseguiam controlar os efeitos da fome de mapinguari. Mostravam a língua como se tivessem comido alguma coisa azeda, piscavam um olho de cada vez, mostravam as garras sem querer e depois voltavam à normalidade.

Mais pessoas se aglomeravam para ver os irmãos, que estavam envergonhados e incomodados com aquele monte de gente em volta deles.

– Ô, Guari, acho que a gente tá chamando atenção demais.

– Ah! Não diga – ironizou Guari logo depois de ter mordido um poste de luz. – Precisamos comer alguma coisa logo. Só que eu não consigo encontrar o tal do Café Vitória com esse montão de bicho-homem na nossa frente.

– Não sabia que eles eram bichos selvagens – comentou Mapin.

– Nem eu – admitiu Guari.

Então uma moça de cabelos escorridos e pretos apareceu por entre as pessoas.

– Ei, vocês! Isso daí é fome de mapinguari, não é? – indagou ela.

E os irmãos confirmaram surpresos.

– Então é melhor vocês virem comigo, sei como resolver o problema de vocês. Me chamo Naiá.

Minutos depois, Mapin e Guari estavam dentro de uma loja sentados diante de uma mesa repleta de comidas de todos os tipos. Mesmo com a porta fechada era possível ouvir a multidão de curiosos do lado de fora. Ao verem todos aqueles quitutes, os dois arreganharam as garras prontos para atacar tudo de uma só vez, mas pararam em pleno ar.

– Nós não temos dinheiro – disseram.

– Ah! Não tem problema! – disse Naiá colocando mais um prato de comida em cima da mesa. – A tribo de onde eu venho é vizinha de um mapinguari, então, já viu, né? – ela abriu um sorrisinho. – Sei bem o tamanho da fome de vocês. Podem comer à vontade.

E os dois se empanturraram. Mapin comeu tomando cuidado para não morder alimentos duros, por conta do dente, depois de ter sido alertado por sua irmã. Mas isso não o impediu de matar a fome, pois logo foi devorando o purê de banana-pacová (conhecida também como banana-da-terra) com tucumã, duas frutas tradicionais da Amazônia.

Mapin ainda tomou um caldo de tucupi, que é feito de mandioca, misturado com jambu, uma erva que deixa a boca toda dormente. Ele adorou esse prato em especial, já que o efeito da folha de jambu fez com que seu dente parasse de doer.

Enquanto isso, Guari se deliciou com um x-caboquinho, sanduíche com lascas de tucumã, banana-pacová frita e queijo coalho. Claro que

ela também deu umas boas dentadas no cuscuz de farinha de milho, na pamonha e no bolo de mandioca que estavam sobre a mesa. Tudo isso veio acompanhado do café coado no pano, em xícaras e pires no formato redondo, igual ao da planta vitória-régia.



À medida que foram se saciando, os sintomas da fome de mapinguari foram diminuindo e os irmãos puderam se dar conta de onde estavam. A mesa, agora cheia de pratos com restos de comida, era verde e tinha o formato circular imitando uma vitória-régia.

O letreiro do Café também era como um disco arredondado e verde idêntico à folha da planta, só que com um V cortado na parte de cima, formando um V de vitória. Ao redor da folha, os dizeres: Café Vitória.



Naiá parecia pequena perto dos dois grandes bichos-preguiça. Tinha cabelos longos e a pele dourada. Uma pintura vermelha atravessava todo o seu rosto na altura de seus olhos.

– Você é a famosa Vitória Régia? Aquela que o pessoal da floresta conta que se apaixonou pela lua? – quis saber Guari.

Assim como acontecera com o Saci, os irmãos tiveram a sensação de também conhecerem aquela bicho-homem.

– Sim, sou eu! Mas ninguém sabe contar a minha história direito. É verdade que quando vi a lua refletida nas águas do rio eu corri pra abraçá-la e acabei caindo na água. É que eu pensei que ela tinha descido dos céus e estava aqui em terra firme, vê se pode!

Naiá parou para observar os dois mapinguaris lambendo as sobras de comida em cada um dos pratos. Então continuou:

– A versão que o povo conta por aí diz que eu não sabia nadar. O que não faz sentido nenhum, já que tive aulas de natação com a melhor professora: uma grande amiga minha que é um boto-cor-de-rosa. Toda a nossa tribo aprendeu a nadar com ela. Afinal, o rio é nosso parceiro. A gente toma banho nele, navega por ele, pesca e brinca. Não tem como a gente não saber nadar.

– Carambolas! Essa versão da história faz mais sentido mesmo – constatou Guari. – E como foi que você veio parar aqui na cidade?

– Ah! A tribo precisa de representantes na cidade porque é aqui que se decide muita coisa que acaba mexendo com a gente lá na floresta. Daí teve uma competição de natação para escolher quem viria pra cidade e eu ganhei. Lá na tribo a gente sabe de muita coisa, temos nosso próprio jeito de olhar o mundo. Mas eu sempre quis saber o que mais existia por aí. Então vim estudar, aprender coisas diferentes, para levar esse conhecimento para a minha tribo, e entender como usá-lo a nosso favor. E acho que quando a gente deseja uma coisa com o coração, essa coisa pode acontecer de verdade.

E os irmãos pararam de lamber os pratos para refletir sobre o que Naiá acabara de dizer. E a jovem continuou:

– Mas quando cheguei por aqui percebi que as pessoas se alimentam

muito mal. Elas comem comidas que vem dentro de latas, que são muito doces, muito salgadas ou com muita gordura. Vocês sabiam que eles colocam até veneno pra matar os bichos que moram nos legumes e nas verduras?

– Espera aí! O bicho-homem come comida com veneno? – perguntou Mapin.

E Naiá afirmou positivamente com a cabeça.

– Mas que salada murcha! – exclamou ele apontando para o prato de salada que Naiá tinha colocado sobre a mesa.

E Mapin logo se explicou:

– Desculpa, é só um modo de dizer. Nada contra a sua salada, ela está maravilhosa! É que você falou do veneno e...

Naiá reparou que Mapin passou a observar seu prato com certa preocupação.

– Fica tranquilo, tudo o que você comeu aqui é natural e sem esse tal de agrotóxico, que é como chamam o veneno.

Mapin respirou aliviado e Naiá continuou:

– O bicho-homem da cidade é que complica as coisas, sabe? Com um pouquinho de água ou produtos naturais os bichinhos podem sair pacificamente e procurar outra casa para morar. Muitos desses venenos fazem mal não só para a nossa saúde, mas para a natureza também. As sementes já não conseguem crescer com a mesma energia de antes, os solos ficam envenenados e por aí vai.

E com uma expressão de preocupação Naiá completou:

– As pessoas da cidade também têm o costume terrível de jogar comida fora. Com tanta gente por aí com fome – e os irmãos arregalaram os olhos. – E na hora de descartar a comida, ao invés de separar o lixo corretamente eles jogam junto um montão de coisas feitas de plástico, de alumínio e de vidro. Isso leva um tempão para se decompor na natureza.

– É verdade. O rio lá perto de casa sempre traz lixo da cidade – comentou Guari. – Nossos peixes que o digam, coitados.

– Foi então que entendi que eu precisava levar conhecimento do meu povo para o mundo. Como eu sempre amei cozinhar com ingredientes

naturais da minha região, resolvi abrir essa cafeteria. Fico muito feliz quando as pessoas se alimentam com as coisas saudáveis que a natureza dá. Esse é um jeito de ensinar como se alimentar sem machucar o meio ambiente. Olha só! – e apontou para os utensílios que estavam sobre a mesa – Canudos, pratos e copos, todos feitos com papel para facilitar a reciclagem. Eu queria mostrar para as pessoas que se a gente desejar de coração, também podemos cuidar melhor desse mundo.

Os mapinguaris tiveram vontade de dar um abraço nela.

– E essa planta aí, a Vitória Régia? Qual a importância dela nisso tudo? – quis saber Mapin.

– Eu continuo apaixonada pela lua. Essa planta abre uma linda flor, que mais parece uma estrela. Depois, ela se transforma nessas folhas grandes em forma de disco que são muito parecidas com a lua. E quando eu soube como as pessoas chamavam aquela planta não deu outra. Tinha vencido a competição de natação para conseguir estudar na cidade e foi por isso que resolvi chamar esse lugar de Café Vitória.

Os irmãos abriram um enorme sorriso, felizes por conhecerem Naiá, a pessoa por trás da lenda da vitória-régia.

– Viu só, Mapin? – falou Guari – Conversar com um bicho-homem nem foi tão ruim assim – e Mapin teve de concordar com a irmã.

Agradeceram o apetitoso banquete e fizeram questão de descartar em lixeiras separadas, os restos de comida e os materiais recicláveis.

O efeito dormente causado pela folha de jambu foi passando devagar e a dor no dente de Mapin voltou a incomodar.

– Naiá, você sabe onde podemos encontrar um dentista nessa cidade? – quis saber o jovem bicho-preguiça, limpando a bocarra com um mísero guardanapo.

– Acho que aquilo ali pode ajudar vocês – e Naiá apontou para um grande painel do outro lado da rua, com a propaganda de uma clínica odontológica, similar à do panfleto.

Antes de partirem, Naiá deu aos irmãos instruções de como chegar até o endereço do dentista. Agora não tinha erro. Achar aquele endereço significava estar mais perto de completar a missão dos irmãos naquela cidade.

Mas o que nem os mapinguaris e nem Naiá repararam foi no caminhão que estacionou bem diante do grande painel, logo após Mapin e Guari se despedirem da dona do Café Vitória.

Alguns bicho-homem desceram do caminhão carregando grandes pincéis e cola. Com esses materiais, grudaram uma nova propaganda no painel, bem em cima da divulgação do dentista.

O novo anúncio dizia: Venham conhecer o salão de cabeleireiros mais estiloso da cidade.



SAUDADE DE CASA



OS IRMÃOS JÁ ESTAVAM SE ACOSTUMANDO ao ritmo acelerado da cidade e aos olhares curiosos das pessoas. Viraram esquinas e atravessaram cruzamentos. Passaram por um muro com um desenho grafitado que pareceu dar uma piscadela para eles.

– Magia de Saci! – disseram os irmãos com um sorriso enorme e com as barrigas cheias.

Quando finalmente chegaram ao endereço do dentista, se espantaram ao darem de cara com um homem de cabelo no formato de uma tigela que cortava o cabelo de seus clientes.

– Tique, tique, tique – dizia a tesoura, animada com seu serviço de cortar.

– Tchu, tchu, tchu – comentava o borrifador de água, espirrando para todos os lados.

– Pééééé! – gritava a escandalosa maquininha de cortar cabelo.

O endereço os levou direto a um salão de cabeleireiros e não ao dentista.

– Quanto cabelo vocês têm! – reparou o homem, que foi logo se apresentando como Crispim, o dono do Cuia Cabeleireiros, o salão mais estiloso da cidade, fez questão de frisar.

Crispim escolheu na bancada frente a um espelho uma das muitas bacias de diversos tamanhos e cores e a encaixou na cabeça do cliente, como se fosse um chapéu. Com seus aparatos barulhentos, foi cortando rente à cuia, modelando um corte tigelinha. Os utensílios de Crispim trabalhavam bem ligeiros em suas mãos. Os sons que emitiam, davam a impressão de serem velhos amigos que se encontram para jogar conversa fora.

– Péééé! – voltou a reclamar a maquininha.

– Tique, tique, tique – continuou a tesoura, aparando as pontas dos fios, como se não houvesse amanhã.

– Tchu, tchu, tchu – retrucou o borrifador com um espirro atrás do outro, como se estivesse eternamente gripado.

Entre uma tesourada e outra, Crispim confirmou com os mapinguaris que aquele era exatamente o endereço que procuravam. Deu uma penteada e mais uma tesourada nos cabelos de seu cliente e finalizou o corte, que ficou idêntico ao de Crispim.

– Uma cabeça de cuia. Estiloso, não? – perguntou Crispim, mais para si mesmo do que para qualquer um que estivesse presente em seu salão.

Os irmãos não sabiam o que dizer. Era como se o Saci tivesse passado por ali e feito uma traquinagem no cabelo do freguês de Crispim, que pagou o corte e saiu contente.

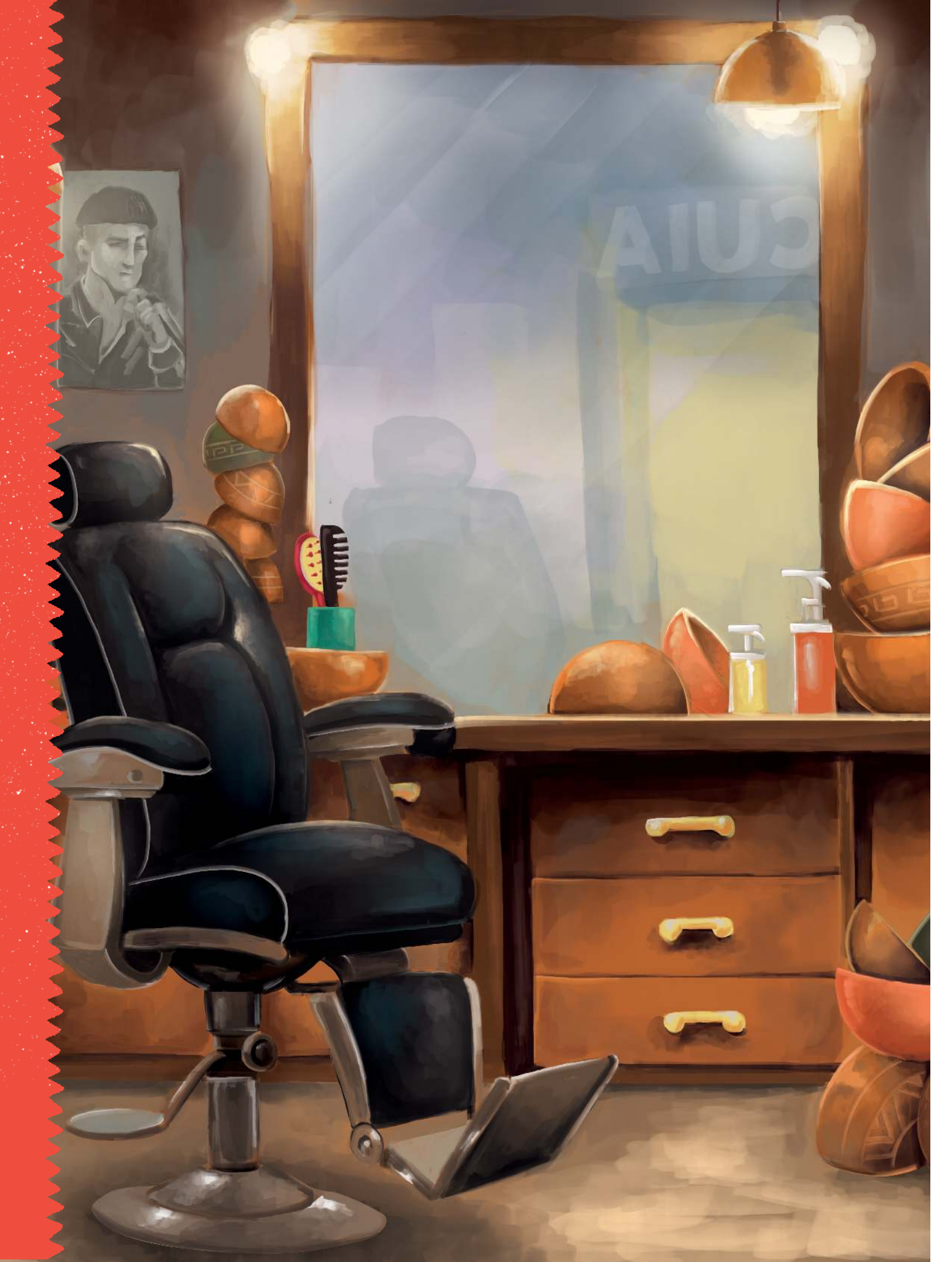
– Ele ainda teve que pagar por isso? – soltou Guari, que duvidava se aquele corte tinha ficado mesmo bom.

– E então? Como vai ser? – Crispim voltou-se para os irmãos – Vão querer o estilo cuia também, imagino.

– Ah! Com certeza não. – Respondeu Guari depressa, ficando aliviada quando outro cliente entrou no salão com uma juba de mico-leão-dourado na cabeça, atraindo a atenção de Crispim e sua tesoura.

– Na verdade, estamos procurando um dentista – contou Mapin.

– E que corte seria esse? – indagou Crispim, já ajustando a altura



da cadeira para receber o próximo cliente – Não conheço nenhum corte ou penteado com esse nome.

– “Dentista” não é um corte de cabelo e muito menos um penteado – explicou Mapin.

– Ah não? – estendeu o avental de cabeleireiro por sobre o corpo do cliente e abotoou o tecido na altura do pescoço dele, deixando a juba à mercê de suas tesouradas.

De repente, Crispim pareceu se lembrar de algo e contou a eles que tinha alugado o espaço para montar o seu salão.

– Alugado? – repetiram os irmãos.

– Sim – respondeu Crispim, encarando as duas criaturas enormes e peludas diante da porta de seu estabelecimento, como se fossem dois alienígenas que tivessem acabado de pousar no planeta Terra.

E continuou:

– Não sei de onde vocês vêm, mas aqui na cidade é assim que funciona. A gente paga por um espaço, usa por um tempo, depois devolve e vai embora. Isso se chama aluguel. Aluguei esse local para montar o Cuia Cabeleireiros, mas até dia desses era uma clínica odontológica. Vai saber o que será amanhã.

Os mapinguaris se entreolharam preocupados. Entenderam que o endereço que tinham não valia de nada e perguntaram a Crispim se ele sabia para onde a clínica do dentista tinha se mudado, mas ele não soube informar.

Começaram então a pensar que toda a jornada até ali tinha sido percorrida de bobeira e ficaram tristes por não conseguirem completar a missão de encontrar o tal lugar para ajudar Mapin com a dor de dente.



– Tique, tique, tique – falou a tesoura determinada em seu movimento de abre, fecha e corta.

Mapin e Guari agradeceram Crispim pelas informações e recusaram mais uma vez o corte que ele lhes ofereceu, o estiloso penteado da moda: a cabeça de cuia.

Andaram pelas calçadas sem rumo e descobriram a existência do transporte público sem querer. Tentavam fugir dos olhares curiosos e acabaram entrando em um ônibus biarticulado. Um transporte dividido em três vagões interligados por duas grandes sanfonas. Mapin achou que o tal ônibus sanfonado mais parecia uma gigantesca sucuri de metal que atravessava a cidade por ruas e avenidas. Guari amou a experiência e ficou maluquinha para entender como toda aquela engenhoca funcionava.

De volta às calçadas, perceberam que já era fim de tarde.

– Vocês aceitam uma balinha? – ofereceu uma menina chamada Melina, que se aproximou dos dois segurando uma caixinha com balas de diversos sabores.

Antes mesmo de responderem à pergunta daquela criança humana, os mapinguaris repararam em algo que chamou a atenção deles.

– Você tá com fome, não tá? – arriscou Mapin, percebendo o olhar triste da menina.

– A gente sempre sabe quando alguém está com fome, pode acreditar. Somos mapinguaris – falou Guari ao ver que a pequena bicho-homem ficou acanhada em responder.

Melina pareceu não entender o que significava “mapinguari”, mas aqueles dois bichões peludos tinham razão. Ela estava com fome. Contou aos dois que vendia balas para os motoristas dos carros que paravam quando o farol ficava vermelho e só assim conseguia dinheiro para comprar alguma coisa para comer.

Mapin e Guari se entreolharam incrédulos.

– Como é que pode uma menina desse tamanho andando por aí com fome? – vociferou Guari indignada. – Olha o tanto de janela que tem nessa cidade!

– Aposto que atrás de cada uma dessas janelas tem um montão de comida na mesa. Será que nenhum desses bicho-homem consegue enxergar essa menina com fome aqui? – completou Mapin, tão indignado quanto sua irmã.

Foi então que algo estranho aconteceu. Mapin começou a se coçar, como se algum inseto estivesse andando por entre seus pelos, fazendo cócegas. Pediu para a irmã verificar se tinha algo caminhando em suas costas. Em seguida, Guari também passou a se coçar.

A menina os observou sem entender muito bem o que estava acontecendo e acabou achando aquilo tudo muito engraçado. Era como se fossem dois grandes bichos de pelúcia pulando e se coçando na calçada, lugar onde ela estava acostumada a vender balas todos os dias.

Como um cachorro que se sacode para secar quando está molhado, os irmãos se chacoalharam para tentar mandar para bem longe o que estava fazendo cócegas. Melina viu muitas coisas voarem deles e ficou encantada quando percebeu que uma porção de potinhos e caixinhas coloridas se mexiam, como se estivessem vivas.

– Uau! São produtos da Traques, Truques & Triques – constatou Mapin. – Mas como foi que tudo isso veio parar com a gente?

– Carambolas! O Saci Pororó é realmente muito rápido. Ele deve ter escondido tudo isso em nossos pelos quando fez aquele montão de trança na gente – imaginou Guari.

A menina logo abriu uma das caixinhas de traques e jogou uma biribinha no chão. Após o estalo, um cheiro de feijoada podre fez com que os três tampassem o nariz. Com o fedor, os novos olhares curiosos que insistiam em os rodear se afastaram. Foi só aí que os mapinguaris repararam que muitas pessoas tinham o corte de cabelo também no formato de uma cuia. Provavelmente um sinal de que o salão de cabeleireiros do Crispim era mesmo um sucesso na região.

A garota gargalhou da situação causada pelos estalinhos malcheirosos e até deixou em um canto a caixa de balas que vendia. Um pente flutuou até os cabelos da garota e rapidamente fez duas tranças na menina.

– Guari, o Saci disse que o mundo estava precisando de umas boas

risadas. Ele estava certo. O coração dessa menina parece bem mais feliz.

Então Melina abriu e comeu todos os pacotinhos da Bambu Teimoso, salgados e doces. Porém, ela parecia ainda estar com fome.

– Espera em pouco! – Guari apalpou um embrulho que estava escondido atrás de sua orelha peluda.

– O que é isso? – quis saber Mapin, curioso.

– Pensa que é só você que tem um esconderijo secreto, Mapin? – falou Guari, referindo-se ao açaí que o irmão havia escondido atrás da orelha pouco antes de entrarem em sua máquina de teletransporte. – É só um x-caboquinho do Café Vitória que eu tinha guardado para você fazer uma boquinha depois que a gente resolvesse essa sua dor no dente.

– Ah é? E por que tem dois? – perguntou ele ao ver a irmã retirar outro embrulho de trás da orelha, igualzinho ao primeiro.

– Ah! Peguei um x-caboquinho para mim também. Ninguém merece sentir os efeitos da fome. Eu, hein?! Tô fora – Guari entregou os dois sanduíches para menina, que abriu um sorriso.

E os irmãos sorriram ao ver Melina matando a fome com grandes dentadas no lanche de lascas de tucumã, banana-pacová frita e queijo.

Logo depois, Mapin encontrou um papelzinho entre todas as coisas que caíram de seus pelos. Ele mostrava o desenho de uma tesoura e uma cuia. E continha os dizeres: “Corte de cortesia”.

– Esse Crispim é mesmo insistente, não? – constatou Guari, rindo.

Então a mapinguari observou a menina feliz com suas tranças e ainda assim achou que aquele não seria um bom presente.

Depois de muito brincarem com a menina na calçada, Mapin resolveu contar uma história para a pequena humana. Nada que começasse com “era uma vez” e nem terminasse com “felizes para sempre” já que era evidente que o mundo não funcionava daquela maneira. Ainda assim, a pequena Melina ficou deslumbrada ao imaginar todos os mágicos cenários que Mapin descreveu. Viu-se subindo e descendo uma escada circular que ficava dentro do caule de uma grande árvore, a tronquescada. Também se viu em um cinema ao ar livre, no topo da alta figueira, e em um laboratório cheio de aparatos malucos por entre as raízes da árvore.

Então, os mapinguaris disseram que ela sempre seria bem-vinda na cabana de leitura de Mapin lá no alto da figueira onde moravam. E que, caso ela não soubesse o caminho, era só imaginar com vontade que chegaria lá.

Melina avisou que estava ficando tarde e que precisava ir embora. Agradeceu pelos presentes, pelos lanches e chamou os dois bichões de amigos. O que fez com que as duas pelúcias gigantes ficassem



emocionadas. E, com os olhos cheios de lágrimas, deram um abraço caloroso e peludo na menina.

– Fizemos alguns amigos na cidade! – Disse Guari ao irmão, enquanto assistiam a menina vestir animada uma chuteira no pé esquerdo e sair, feito Saci, saltitando pela calçada num pé só, carregando uma porção de presentes.

Antes de sumir virando a esquina, a menina colocou uma carapuça vermelha na cabeça. Era um exemplar do “Se a carapuça servir”, uma réplica do gorro do Saci que podia trazer sonhos bons ou ruins para quem o vestisse. Os irmãos até se preocuparam no primeiro instante, mas tiveram certeza de que o Saci Pororó, que era tão determinado a distribuir sorrisos, jamais deixaria um pesadelo alcançar os sonhos daquela criança.



Algum tempo depois, os irmãos perceberam que o sol estava se preparando para dormir e dava espaço para a lua assumir o seu lugar no céu. Abriram então um dos poucos potinhos de tornado instantâneo que tinha sobrado da loja de Pororó e o pé de vento os carregou para o topo de um dos prédios da cidade. De lá, puderam ver o sol alaranjado se deitando por entre os edifícios da selva de pedra.

Mapin enfiou a mão por trás da orelha e tirou dali um potinho de vidro.

– O que vai fazer? – quis saber Guari assistindo seu irmão desrosquear a tampa e estender o pote de vidro para o alto.

– Ué, você sabe que eu tenho medo de escuro. Por isso sempre carrego comigo a pirilâmpada. Quando preciso de luz, abro meu pote e espero.

Mapin apontou para o pote que segurava acima da cabeça:

– Aqui dentro coloquei um combinado de néctar e pólen de plantas e flores. Isso tem o poder de atrair os vagalumes certos. Quando retiro a tampa, eles sempre saem de onde estão e vêm até o pote. Assim, a pirilâmpada ilumina o ambiente com a luz natural deles. Quando está na hora de amanhecer, eles vão embora e a pirilâmpada não tem mais utilidade.

Algum tempo se passou e nada dos insetos luminosos aparecerem. Guari percebeu o semblante nada contente do irmão e não gostava de vê-lo chateado. Só não sabia o que fazer pra que ele pudesse voltar a sorrir.

– Acho que aqui na cidade grande o meu pote com pólen e néctar não funciona muito bem. Parece até que na selva de pedra não tem vagalumes.

– É, eles não devem gostar muito da cidade – concluiu Guari.

– Logo vai anoitecer e não vai ter pirilampus para emprestar a luz deles. Nós vamos ficar no escuro.

– Tá tudo bem, Mapin. Estou aqui com você.

Mapin gostou de ouvir as palavras de conforto da irmã. De qualquer forma, deixou o potinho aberto num canto, ainda na esperança de que um pirilampo pudesse encontrar as flores e o néctar e lhes fornecer luz.

– Foi mal, Mapin – desculpou-se Guari. – Acho que o plano de usar a minha máquina de teletransporte para procurar um dentista na cidade não deu muito certo, né?

– Imagina, Guari. Não tem do que se desculpar. Como é que a gente ia saber que um bicho-homem com um penteado maluco ia montar um salão de cortar cabelos bem onde devia ser o consultório do dentista?

– Isso é verdade – concordou ela. – E como tá seu dente?

– Doendo bastante.

Os dois ficaram em silêncio ouvindo os sons da cidade enquanto a lua se exibia majestosa no céu.

– Estava pensando aqui – começou Guari. – Eu tenho costume de ficar tanto tempo enfiada lá no meu laboratório que nunca reparei que a lua parece mesmo com uma vitória-régia... Ou será que é a vitória-régia que se parece com a lua?



– É por isso que eu gosto de dormir na rede de sapê lá no topo da nossa árvore, sabia? Assim como a Naiá, também sou apaixonado pela lua – falou Mapin.

Guari e o irmão se abraçaram no topo do prédio, aborrecidos por não terem encontrado um dentista, mas felizes por estarem juntos.

– Estou com saudade de casa – admitiu Mapin.

– Eu também.

– Será que é hora de a gente usar os braceletes tecnológicos que você criou e voltar para a nossa árv...?

De repente, Mapin parou de falar, se soltou do abraço da irmã rapidamente e olhou ao longe, franzindo o rosto, como se tentasse enxergar alguma coisa por entre os edifícios.

– Que cara é essa, Mapin? Tá com piriri? – indagou Guari.

– Piriri que nada, Guari! Eu acho que...

– Acha que o quê? – interrompeu Guari – Não me diga que você tá com fome de novo, Mapin.

– Não é isso, Guari. Eu vi uma...

– O que você viu? Mais uma propaganda de dentista? Consegue ler o endereço para irmos até lá?

Guari vestiu seus óculos de proteção, os mesmos que usou na máquina de teletransporte, que também funcionavam como binóculo.

– Não estou vendo nenhum homem de aparelho sorrindo, Mapin.

– Não é nada disso. Pode me deixar falar?

Mapin pegou seu binóculo e o encaixou nos olhos.

– Eu olhei rápido e tive a impressão de enxergar alguma coisa naquela direção, só que não tô... ACHEI! – gritou Mapin fazendo a irmã dar um salto.

– Olha só aquilo ali!

Mapin devolveu o binóculo para a irmã e apontou para um grande painel ao longe, que se acendia com as luzes noturnas da cidade. Ela pode ver que no painel não havia a propaganda de um dentista.

Era uma foto enorme do famoso e igualmente gigantesco tio Mapão.



SORRISO METÁLICO



AS DUAS CRIATURAS GIGANTES correram sacudindo seus pelos pelas ruas, virando esquinas e atravessando cruzamentos. Do alto do prédio tinham contado: alguns quarteirões à frente, um à esquerda, outra à direita e estariam lá.

Dito e feito. Seguiram o caminho até alcançarem o imenso painel com a foto do tio, em que puderam ler: “Venha conhecer um legítimo mapinguari florestal adulto!”

– Tenho certeza de que o tio Mapão vai saber onde encontrar um dentista. Ele tá acostumado a viver na cidade – falou Mapin entusiasmado.

O local era um grande prédio quadrado que tomava quase o quarteirão inteiro. A porta da frente era imensa, com uma escadaria, igualmente enorme, que dava acesso à entrada. Não pensaram duas vezes. Tentaram abrir a porta, mas não tiveram sucesso. O lugar pareceu estar trancado.

Logo acima das portas puderam ver uma janela bem no alto, mas apesar de estar aberta não haveria maneira de alcançá-la.

Guari coçou a orelha e tirou dali um potinho.

– Esse é o último pé de vento instantâneo que nós temos – avisou. O vendaval tirou os dois do chão e os levou na direção da vidraça. Passaram pela abertura e, no instante seguinte, estavam dentro do lugar. Resolveram explorar.

A primeira coisa que perceberam era a grandiosidade do local, com tetos e paredes altíssimas. Por onde andavam, luzes se acendiam automaticamente. Guari achou genial aquele sistema de iluminação.

– Carambolas! Preciso descobrir como levar essa tecnologia para a nossa árvore. Já imaginou subir e descer a tronquesca com luzes que se acendem sozinhas?

Mapin não respondeu. Para ele a ideia da pirilâmpada e seus vagalumes era bem mais interessante.



Ao entrarem em uma das inúmeras salas do recinto, a luz se acendeu e Mapin deu um salto que o fez parar bem no colo de Guari. Ficou com os pelos todos eriçados de medo.

– O que foi agora, Mapin? Pirou, foi? – disse Guari colocando o irmão no chão.

Ela apontou para uma onça-pintada que estava no centro da sala e os encarava de forma intimidadora, como se os visse como suas presas. Guari também se espantou com aquele felino de pelagem amarela salpicada de pintas negras, que olhava diretamente para eles.

O medo fez com que ficassem imóveis. Não sabiam se deviam correr ou enfrentar a onça. Foi Guari que decidiu o que fazer primeiro. Arreganhou suas garras e seus dentes para amedrontar o bicho. Mas a onça não esboçou reação nenhuma.

O irmão resolveu ajudar e rosnou alto junto da irmã.

Nada.

Minutos depois, perceberam que a onça não se movia.

– Mapin – chamou a irmã entredentes, sem desfazer a careta ameaçadora. – Tô achando que isso daí é uma estátua.

Então Mapin desfez sua pose de mapinguari amedrontador e resolveu se aproximar devagar.

– Guari, você é uma gênio! – elogiou o irmão, chegando mais perto da onça. – É uma onça de mentira!

E os mapinguaris se deram conta de que todo o salão estava repleto de animais que costumavam ver na floresta: uma anta com filhotes, vários tipos de macaco, jacarés de diversos tamanhos, uma trupe de queixadas, uma longa sucuri, entre muitos outros. Só que todos estavam imóveis, feito estátuas. E não havia só animais ali, réplicas de árvores e plantas se espalhavam pelo lugar, criando um cenário quase convincente.

– Que salada murcha! – ralhou Guari – Mas afinal, onde é que a gente está?

– Por incrível que pareça, ali diz que estamos em casa – e Mapin mostrou uma faixa esticada no alto da sala com os dizeres: “Bem-vindos à Floresta Amazônica”.

Andaram por entre os animais de mentira, tentando entender o que estava acontecendo ali. Mas assim que alcançaram o centro da sala, se depararam com algo que os fez esquecer completamente de toda a estranheza daquele lugar. Os corações dos irmãos bateram forte ao notarem que o gigantesco Tio Mapão esperava por eles do outro lado do salão.

Mapin e Guari abriram um sorriso colossal.

– TIO MAPÃÃÃO! – gritaram os dois animados correndo até ele.

E foram logo dando um abraço caloroso no tio. Cada um em uma perna cabeluda do monstruoso mapinguari.

Após o abraço, perceberam que algo estava muito errado. Assim como a onça e todos os animais daquele lugar, o tio também não se movia. Mantinha uma pose clássica, com as garras de fora e uma bocarra aberta assombrosa, que Mapin conhecia tão bem dos filmes famosos que o tio estrelava.

– Tio? – chamaram eles.

– Quem está aí? – perguntou uma voz de algum canto do salão.

Os irmãos se olharam temerosos.

– O que vamos fazer? – sussurrou Guari e Mapin respondeu dando de ombros.

Guari foi logo imitando a pose do tio e repetindo o tom ameaçador que fez ao confrontar a estátua da onça. Seu irmão fez o mesmo.

Se mantiveram assim por um tempo. Imóveis, como duas estátuas. A luz, que funcionava com sensor de movimento, se apagou. Guari podia jurar que escutou o irmão tremendo por conta do medo do escuro.

Quando o salão acendeu outra vez, um bicho homem mal-encarado caminhava próximo a eles. Usava uma jaqueta, um bonezinho na cabeça e um cinto cheio de coisa que os irmãos não faziam ideia do que era.

No instante em que os mapinguaris olharam para ele, perceberam que aquele era o segurança do lugar. Pensaram nisso porque um dos filmes mais famosos do tio mostrava o mapinguari florestal adulto botando pra correr um ser humano que dizia ser um segurança e usava roupas iguais àquelas.

Foi então que Bragança, o segurança do local, os observou confuso.

MAPINGUARI SELVAGEM ADULTO

(MAPINGUARY)

*LÊ-SE MAPINGUARÍ.

ACREDITA-SE QUE MAPINGUARIS SÃO PARENTES DISTANTES DAS PREGUIÇAS-GIGANTES, ANIMAIS PRÉ-HISTÓRICOS EXTINTOS. ESSES, POR SUA VEZ, SÃO PARENTES DOS BICHOS-PREGUIÇA QUE CONHECEMOS HOJE EM DIA.



SUAS GARRAS ESTÃO SEMPRE AFIADAS. ELES AS UTILIZAM PARA SUBIR EM ÁRVORES E SE PENDURAR EM GALHOS, DESCASCAR FRUTAS, AFUGENTAR INVASORES DE SEU TERRITÓRIO E DAR AQUELA COÇADINHA NAS COSTAS.



COM UMA BOCA IMENSA, MANDÍBULAS PODEROSAS E DENTES FORTES, SE ALIMENTAM DE PRATICAMENTE QUALQUER COISA. A BOCA ESTÁ LOCALIZADA NA REGIÃO DA BARRIGA, O QUE FAZ COM QUE TENHAM UMA DIGESTÃO ACELERADA. ESTÃO SEMPRE COM FOME E, POR ISSO, COSTUMAM GUARDAR ALIMENTOS ATRÁS DA ORELHA.



ESTE É UM EXEMPLO DE POSE SIMPÁTICA. FAZEM ESSAS CARINHAS FOFAS PARA PEDIR ALGO, GERALMENTE PARA COMER.



NARIZ ARREDONDADO E PEQUENO, QUE QUASE SE PERDE NO MEIO DE TANTO PELO. NO ENTANTO, SÃO DOTADOS DE UM OLFATO EXCEPCIONAL, PODENDO SENTIR CHEIRO DE ALGO A QUILÔMETROS DE DISTÂNCIA.



ESTE É UM EXEMPLO DO OLHAR DE MAPINGUARI FAMINTO. COM FOME DE MAPINGUARI NÃO SE BRINCA!



SEU CORPO É MUITO PELUDO, OS PELOS FAZEM COM QUE PAREÇAM MAIORES E AINDA SERVEM DE CAMUFLAGEM. TÊM BRAÇOS E PERNAS FORTES, EMBORA TENHAM PREGUIÇA DE PRATICAR ATIVIDADES FÍSICAS (PREFEREM ATIVIDADES QUE ESTIMULEM A MENTE).



DEIXAM GRANDES PEGADAS NO SOLO. QUANDO CHOVE, SE TRANSFORMAM EM PROFUNDAS POÇAS D'ÁGUA. SEUS PÉS TAMBÉM POSSUEM GARRAS AFIADAS. COSTUMAM COLOCAR OS PÉS PARA O ALTO PARA DESCANSAR.

ESTE É UM EXEMPLO DE POSE DEFENSIVA. COSTUMAM UTILIZÁ-LA PARA AFUGENTAR PREDADORES, INVASORES OU ALGUÉM QUE TENDE ROUBAR SUA COMIDA.

– Eita! – exclamou ele. – Ninguém me avisou que iam chegar mais duas estátuas do Mapão. Ninguém nunca me avisa nada aqui nesse museu, ai ai ai...

Para Mapin, a palavra “museu” não passou despercebida.

Bragança se aproximou. Tirou um aparelho do bolso, apertou alguns botões, se ajeitou entre os irmãos, abriu um sorriso e tirou uma foto junto dos mapinguaris.

Então os dois rosnaram alto para o segurança, que deu um berro e um pulo de susto ao perceber que os monstrenços não eram estátuas.

– O que você fez com o nosso tio Mapão? – perguntou Mapin mostrando os dentes como um cachorro prestes a morder.

– É melhor responder à pergunta do meu irmão logo – avisou Guari com as garras afiadas à mostra.

– Nossa! Espera um pouco aí! – pediu o segurança com as mãos estendidas. – Vocês não são feitos de cera? Jurava que eram estátuas! Como vocês entraram aqui?

– A gente perguntou primeiro! – falou Guari em tom nervoso.

– Calma! Não precisam atacar ninguém, tá? – falou Bragança num tom pacífico, buscando sossegar a situação.

– O que você fez com o nosso tio Mapão? – repetiu Mapin.

– Eu não fiz nada. Sou só o segurança desse lugar – respondeu o homem.

– Que lugar é esse? – quis saber Guari.

– Você chamou esse lugar de museu... O que é isso? – perguntou Mapin.

– Vocês não sabem o que é um museu?

Os irmãos não responderam.

– Bom, existem vários tipos de museu. Este aqui é um lugar feito para conhecer e estudar as coisas.

– Estudar que tipo de coisas? – rebateu Guari.

E o segurança abriu os braços apontando para o salão.

– Animais, plantas e até o tio de vocês – disse voltando-se para o mapinguari estático atrás deles.

O segurança pareceu perceber algo que não havia notado antes.

– Mas esperem um pouco aí. Vocês são mapinguaris? – falou o ho-

mem arregalando os olhos.

Mapin e Guari se entreolharam e balançaram a cabeça para confirmar.

– Ei! Eu sou fã de todos os filmes que o Mapão fez. Foi por causa do tio de vocês que eu vim trabalhar aqui no museu. Assim eu podia tirar foto todos os dias com o meu ator favorito. Nem estou acreditando!

Os mapinguaris mantiveram a pose intimidadora, então o segurança complementou a sua fala:

– Esse daí não é o Mapão verdadeiro. É só uma estátua feita de cera.

– Feita de cera? – perguntou Mapin.

– Isso!

– Cera... tipo cera de abelha? – perguntou Guari.

– Exatamente!

Então os irmãos recolheram as garras.

– Esta é uma homenagem que o museu fez para o tio de vocês – seguiu o segurança, já mais à vontade. – Este lugar foi construído para que as pessoas preservem e cuidem melhor do planeta.

Os irmãos fizeram uma careta indicando não estarem entendendo bulufas do que o bicho-homem dizia.

– Significa que aqui os humanos, como eu, estudam e pesquisam a floresta onde vocês moram para entender como cuidar melhor do meio ambiente.

E o queixo dos irmãos caiu, quase tocando o piso.

– A gente sabe que o ser humano já causou muitos problemas para o mundo, só que alguns de nós querem ajudar a reverter essa situação. Este museu foi criado para ensinar às pessoas que é importante respeitar a natureza.

– O que o nosso tio tem a ver com isso? – Mapin perguntou.

– Bom, o tio de vocês é o principal apoiador do museu. Por isso fizeram essa estátua para ele – e apontou para a estátua de pose feroz.

– Você quer dizer que o nosso tio ajuda o bicho-homem a aprender a cuidar da floresta e do mundo? – resumiu Guari, também buscando compreender melhor.

– É isso aí – confirmou Bragança. – O tio de vocês é famoso e toda

vez que ele abre aquela boca imensa para falar alguma coisa, faz questão de deixar bem claro o quanto a natureza é importante.

– Carambolas! Agora eu admiro mais ainda o tio Mapão! – declarou Mapin emocionado.

– Se essa daqui é só uma estátua, onde é que está o tio Mapão verdadeiro? – perguntou Guari.

– A cidade é bem grande... – disse o segurança coçando a cabeça por cima do boné. – Mas eu sigo o tio de vocês nas redes sociais.

E antes que os mapinguaris perguntassem o que era uma rede social, o homem foi logo explicando:

– Rede social é onde as pessoas colocam fotos, vídeos e mais um montão de coisa sobre o que acham interessante compartilhar com os outros. Você acessa algumas delas usando um aparelho como este – e mostrou o celular.

– A gente é mapinguari, bicho do mato que mora na floresta e tal, mas sabemos o que é internet, tá? – falou Guari debochada.

Bragança mostrou no celular algumas fotos que o tio Mapão havia colocado em suas redes sociais: Mapão com seus fãs, Mapão nos bastidores de uma filmagem, Mapão passeando. Muitas delas eram fotos de pratos de comida enormes e em uma delas a legenda dizia: “Só assim para matar a fome de mapinguari!”

– Ah, que pena! – exclamou de repente o segurança.

– O que foi? – quiseram saber os irmãos.

– A última postagem diz que ele tirou umas férias. Viajou para rever a família. – disse o segurança.

– Tá de brincadeira? E quando foi isso? – investigou Guari.

– Aqui diz que foi hoje mesmo – falou o homem ajeitando seu cinto cheio de coisas.

– Então o tio Mapão foi pra nossa casa! – Mapin comemorou, voltando-se para a irmã. – Acho que é hora de ir embora, Guari!

O segurança tocou mais algumas vezes na tela de seu celular e disse:

– Posso colocar a foto que tirei com vocês nas minhas redes sociais?

Ele mostrou a imagem para os irmãos. Mapin de um lado, Guari do

outro, Mapão ao fundo e, bem no centro, Bragança exibindo um alegre sorriso metálico.

Guari foi logo abrindo a boca do bicho-homem se certificando de que o sorriso metálico estava mesmo ali.

– Quem fez isso com você? – lançou ela, derrubando o bonezinho do segurança.

– Isso o quê? – tentou dizer, pois os dedos peludos de Guari estavam dentro da sua boca. Ele não entendia o que a bicho-preguiça queria.

– Esse seu sorriso metálico é igualzinho ao do panfleto do dentista – explicou Mapin.

– Vocês estão falando do meu aparelho? – disse ele, assim que Guari o largou. – Foi o dentista aqui da esquina que cuidou dos meus dentes. Eu adorei!

– Então você sabe onde fica o dentista? – perguntou Mapin.

– Mas é claro que eu sei! Vocês estão procurando um? – e olhou no relógio. – Acredito que está quase na hora da clínica fechar. Se quiserem, posso levar vocês até lá. Vai ser uma honra pra mim. Não é todo dia que posso levar os sobrinhos do tio Mapão ao dentista.



Quando chegaram no dentista, Bragança tratou logo de explicar tim-tim por tim-tim quem eram aqueles dois e, por sorte, o dentista também era fã do tio Mapão.

Os irmãos foram muito bem recebidos. Repararam que o local era bem limpinho e todo pintado de branco. Batista, o dentista, também usava roupas, luvas, touca de cabelo e máscara branca.

Pediu para que Mapin se sentasse numa cadeira toda tecnológica, parecida com alguma invencionice no laboratório de Guari. Mapin tremia feito vara verde, mas o dentista o acalmou dizendo que ele não tinha motivos para ter medo e disse que resolveria a dor num instante.

Batista pediu para que Mapin abrisse a boca para que ele pudesse ver melhor o que estava acontecendo. Quando o bicho-preguiça abriu a



boca, o dentista quase caiu dentro da caverna dentada que era a bocarra do seu paciente. Com seus aparatos, observou a dentição do mapinguari. Avisou, inclusive, que aqueles dentões estavam precisando de uma boa escovada com urgência. O que fez Mapin ficar vermelho de vergonha.

Guari esperou na recepção do consultório e aproveitou para xeretar as esquisitices do bicho-homem. O segurança do museu tinha prazer em responder todas as suas perguntas. Ele não fazia ideia de que a curiosidade de um mapinguari podia ser proporcional ao seu tamanho.

Um tempo depois, o dentista abriu a porta da sala de atendimento e Mapin surgiu ao seu lado com o maior sorriso que Guari já vira seu irmão abrir.

– Já acabou? – perguntou ela.

– Tec, tec, tec! – Mapin deu mordidelas no ar para provar que estava curado.

– Já sim! O caso do meu querido paciente mapinguari não era nada tão sério assim – falou Batista mostrando uma bolinha amarela que segurava com os dedos.

Mapin estava com um piruá preso nos dentes.

– Era só um milho que não estourou, acredita? – falou Mapin todo serelepe.

Guari bateu a mão na testa, não acreditando que tudo não passava de uma coisa tão simples. Enquanto isso, Mapin soltava uma gostosa gargalhada, aliviado por não ter mais nenhum pingo de dor em seu dente.



– A dor sumiu, Guari! Parece até magia de Saci – disse Mapin com alegria. – Você tinha razão. Eu não precisava ter medo de dentista mesmo.

– Nada disso! – corrigiu o homem de jaleco branco – Isso é magia de dentista.

E todos deram boas risadas.

Com o problema solucionado, era chegada a hora de voltar para casa. Despediram-se do segurança e do dentista, não antes de tirarem mais uma foto para as redes sociais.

Ali mesmo, na recepção da clínica, vestiram seus óculos de proteção e apertaram um botão em seus braceletes.

– PARA ONDE VAMOS? – perguntou a voz robótica vinda dos aparelhos presos em seus pulsos.

– Para casa! – disseram as duas maiores bocas presentes naquela sala.

– DESTINO CONFIRMADO – respondeu a voz.

CINEMA E PIPOCA



BUUUMMM!

A máquina de teletransporte fez com que os dois mapinguaris gigantes reaparecessem no laboratório de Guari em meio a um tremendo estrondo.

Depois que a fumaça se dissipou, puderam ver no chão o balaio cheio de comida e o panfleto do dentista que Mapin tinha largado pouco antes de iniciarem a jornada na cidade. Finalmente estavam de volta à grande figueira onde moravam. Era muito bom estar em casa.

Pouquíssimos minutos depois da chegada dos irmãos, como se fosse algo combinado, alguém bateu palmas, chamando do lado de fora da árvore. E pelo som oco e grave das palmas, o visitante devia ter mãos enormes.

Tio Mapão apareceu na portinhola da figueira e os sobrinhos correram depressa para abraçá-lo.

Depois de se deliciarem com muitos quitutes que Mapão havia trazido da cidade, os irmãos contaram a ele sobre toda a jornada na busca por um dentista. Falaram das travessuras da Traques, Truques & Triques, das delícias do Café Vitória, dos cortes de cabelo do Cuia Cabeleireiros,

da Melina, que vendia balas no farol, do museu com uma estátua de cera igualzinha ao tio e do dentista, que descobriu que o grande problema que tentavam resolver não passava de um inocente piruá.

Tio Mapão adorou saber de cada detalhe da história. Comentou com os sobrinhos que o bicho-homem, apesar de esquisito, é só um bicho, assim como eles. Estranho é que muitos deles acabam perdendo a cabeça quando o assunto é dinheiro, ficam maluquinhos igual a um mapinguari quando está com fome.

– Com fome de mapinguari não se brinca! – disseram os três ao mesmo tempo.

Mapão disse ainda que o ser humano precisa aprender a pensar nos outros com carinho. Comentou que os grandes problemas causados pelo bicho-homem poderiam não ter acontecido se antes de decidir algo ele pudesse se colocar no lugar do outro.

– Você não sente? O outro também sente – concluiu Mapão colocando a mão no peito, bem em cima de onde fica o seu grande coração.

Mapin e Guari comentaram que enquanto estavam na cidade receberam ajuda.

– Não tínhamos dinheiro e, mesmo assim, o Saci nos deu presentes, Naiá nos deu comida e até o Crispim nos ofereceu um corte de cabelo – contou Mapin.

Mapão comentou que aqueles três são figuras famosas do folclore brasileiro que decidiram tentar ajudar o bicho-homem a enxergar o mundo de um jeito um tiquinho diferente. E fez questão de destacar que mapinguaris, por serem muito peludos, não combinavam muito com o estilo cuia, que nem o penteado de Crispim.

Todos eles riram com suas bocarras.

– Mas cada um ajuda como pode – concluiu Mapão ficando sério. – E isso já é o suficiente. O que importa é que seja feito com o coração. Vocês viram que Crispim e todos os outros colocam o coração naquilo que fazem.

Os sobrinhos concordaram com a cabeça.

– O segurança do museu também ajudou, levando a gente até o den-

tista, que não cobrou nada para cuidar do meu dente – falou Mapin.

– Isso é um bom sinal! – comentou Mapão, abrindo um sorriso.

– Como a gente pode ajudar também, tio? – perguntou Guari.

– Vocês já fizeram isso, meus sobrinhos – respondeu Mapão. –

Aquela menininha que vendia bala no farol jamais vai esquecer o que vocês fizeram por ela.

– Por quê? – quis saber Mapin.

– Porque ajudar é dar um pouquinho do nosso tempo para o outro.

Como sua irmã, que te ajudou a resolver a dor no dente. Ou a forma como vocês ajudaram a Melina, que estava sozinha e com fome. Isso já faz uma diferença gigante – concluiu.

Os irmãos ficaram felizes em ouvir as palavras do tio Mapão.



Algum tempo depois, tio Mapão comentou que estava com uma cópia de um filme inédito no qual ele era o ator principal. Perguntou aos sobrinhos se queriam fazer uma sessão de cinema.

Mapin logo disse que se encarregaria de estourar a pipoca na pipoqueira tecnológica que Guari construíra para ele.

No sofá, diante do telão branco afixado nos galhos da grande figueira, os três estavam acomodados, cada um com seu baldão de pipoca.

Ninguém desgrudava os olhos das cenas inéditas do filme, até que os três pegaram um punhado de pipoca e levaram à boca ao mesmo tempo. O que se seguiu foi a pior das coincidências: os mapinguaris morderam todos juntos algo duro feito pedra. Provavelmente piruás que se enfiaram entre os dentes de cada um.

– GRRRAURRR! – os gritos dos três ecoaram por toda a floresta.

Era mais do que óbvio que iam precisar de um dentista.





GUSTAVO ROSSEB nasceu em São Paulo em 1985. Quando criança, sempre fazia showzinhos à capela, inventava continuações para seus filmes favoritos e desenhava dinossauros e super-heróis. Adora ouvir e contar histórias, principalmente as dos causos do folclore brasileiro que eram contados por seus pais e avós. Por isso, escreveu a trilogia *As aventuras de Tibor Lobato* e *Missão Carbúnculo*, além do livro de ficção científica *Vórtices*. Ele também é roteirista de cinema, documentários e videoclipes. Sua paixão pela música o levou a se tornar cantor e compositor, tendo lançado quatro álbuns. Como um habilidoso orquestrador de palavras, Gustavo acredita na força que as histórias têm de transformar o dia, uma pessoa e até mesmo o mundo.



PAULO CORUJA nasceu em São Paulo em 1977. Apaixonado por estradas rurais, paisagens e boas histórias. Quando criança, adorava desenhar e observar os pássaros, sempre registrava no traço as aves que cruzavam o céu do campo, criava personagens e diversas narrativas. Fez dessa sensibilidade sua profissão. Coruja também é compositor, cantor e gaitista, tendo três álbuns lançados e participações em diversos projetos musicais. Site: www.velhocoruja.com.

TERCEIRA CAPA

Página em branco

6.5.11 PARA EFEITOS DA AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA, PÁGINAS EM BRANCO DEVERÃO ESTAR SINALIZADAS COM JUSTIFICATIVA CASO SEU PROJETO EDITORIAL ORIGINAL CONTENHA PÁGINAS EM BRANCO. ESTA SINALIZAÇÃO DEVE SER RETIRADA DA OBRA QUANDO DO CARREGAMENTO PARA A ETAPA DE ANÁLISE DE ATRIBUTOS.



MAPIN E GUARI são dois irmãos mapinguaris, criaturas que se assemelham a bichos-preguiça gigantes, exceto pela presença de uma boca enorme localizada bem onde deveria ser a barriga.

Uma terrível dor de dente faz com que os dois irmãos felpudos embarquem em uma jornada até a cidade em busca de um dentista. Com inteligência e coragem, os dois brutamontes da floresta precisam se aventurar por ruas agitadas e prédios gigantes. O que eles não contavam era encontrar em seu caminho, além dos olhares curiosos dos seres humanos, personagens do folclore brasileiro.

Que tal embarcar nessa jornada com Mapin e Guari e conhecer mais sobre a diversidade cultural do Brasil?

